

A HISTÓRIA DA CHAPADA DOS NEGROS NA NARRATIVA DOS MORADORES DE ARRAIAS-TO

THE HISTORY OF CHAPADA DOS NEGROS IN THE NARRATIVE OF THE RESIDENTS OF ARRAIAS-TO

Rosângila Domingos GUALBERTO

<rosangilagualberto@yahoo.com.br>

Mestra em Estudos de Cultura e Território

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, Tocantins, Brasil

Professora na Universidade Estadual de Goiás (UEG), UnU – Campos Belos, Goiás, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1677430318486518>

Dernival Venâncio RAMOS JUNIOR

<dernivaljunior@gmail.com>

Doutor em História

Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal, Brasil

Professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, Tocantins, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/9941464654933458>

Kênia Gonçalves COSTA

<keniacost@uft.edu.br >

Doutora em Geografia

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

Professora na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, Tocantins, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3395795403404222>

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a história da Chapada dos Negros contada pelos/as moradores/as de Arraias-TO e analisa dados produzidos durante a dissertação de mestrado concluída em 2016. O município de Arraias foi fundado no século XVIII, tendo a Chapada dos Negros como o primeiro povoado em que se desenvolvia um garimpo e praticava a escravidão negra em torno do processo de mineração no período aurífero. O estudo dialoga com autores como Bá (2010), Bosi (1994), Apolinário (2007) e outros. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a história oral. A análise mostra que a história da Chapada dos Negros contada pelos seus próprios moradores emprega oralidades, entendimentos e interpretações por intermédio da memória e dos ensinamentos passados dos mais velhos para os mais novos. Isso faz com que o conhecimento de sua história se torne um exercício de auto (re) conhecimento. As lembranças do passado são indicadas por meio de um pertencimento, afetividade e de identidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Chapada dos Negros; Narrativas; Memórias.

ABSTRACT:

This work aims to analyze the history of Chapada dos Negros narrated by the inhabitants of the city of Arraias-TO. These data were produced during a thesis research completed in 2016. Arraias city was founded in the 18th century, with Chapada dos Negros as the first settlement in which was developed and practiced black slavery around the mining process in the gold period. This study is based on some authors such as Bá (2010), Bosi (1994), Apolinário (2007) and others. The methodological procedures used were bibliographic research and oral history. The analysis shows that the history of the Chapada dos Negros narrated by its own inhabitants employs orality, understanding and comprehension through the memory and past teachings of the oldest to the youngest. Memories of the past are presented in the narratives by belonging, affection and cultural identity.

KEEWORDS: Chapada dos Negros; Narratives; Memories.

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a memória da Chapada dos Negros em Arraias - TO por meio das narrativas dos/das moradores/as da cidade. A Chapada dos Negros, local de resistências seculares, mantida pelas narrativas de sua história situa-se no Norte da Província de Goiás, a região que hoje é o Estado do Tocantins, por volta de 1700, começou o período do “ciclo”¹ do ouro. Nesse intervalo, criaram-se muitas cidades na região, dentre elas, Arraias. “Diz a tradição popular, em Arraias, que, antes de ser povoada pelos mineradores brancos, essa chapada era núcleo de escravos aquilombados. Esses negros eram escravos fugidos das áreas mineradoras de outros arraiais [...]”. (APOLINÁRIO, 2007, p. 76). Esse município, fundado no século XVIII, teve na Chapada dos Negros o primeiro núcleo de povoamento. Nele se desenvolvia a mineração de ouro de prática por meio da escravização negra.

De acordo com Apolinário (2007), nesse período, a atividade mineradora nas minas de Arraias foi basicamente de cascalho, em jazidas sedimentares. O ouro aluvial era, normalmente, encontrado no fundo dos córregos e ribeirões, dessa forma, o ouro retirado vinha misturado com a areia. Para a extração do ouro, realizado a partir de técnicas africanas, era necessário que o mesmo fosse peneirado por meio de um instrumento denominado bateia². Dessa forma, era um método bastante cansativo, os escravizados ficavam por muito tempo submersos na água e expostos ao sol escaldante.

Após esse primeiro momento de cascalho, parafraseando Apolinário (2007), a atividade mineradora passou a ser realizada nas grupiarias³ em serras e chapadas. Nesse método, a extração do ouro necessitava da construção de regos para a captação de água, principalmente das chuvas com formação de correntes de água para a lavagem do ouro extraído. Esse procedimento exigia ainda mais da resistência física dos escravos.

¹ Estamos usando “ciclo” como metáfora temporal de periodização, não de sistema socioeconômico.

² Uma bacia grande e rasa feita de madeira ou metal. Neste instrumento, o ouro era peneirado para separá-lo da areia e de outros cascalhos.

³ Nas cascalheiras, onde as lascas de pedras auríferas eram lavadas e colocadas acima do nível das águas dos rios e córregos.

Com o passar dos anos, o primeiro núcleo de povoamento foi abandonado, as construções foram sendo desgastadas pela passagem do tempo e o espaço recebendo outros usos, como a criação de gado.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a história oral. Optou-se pelo uso da história oral por meio da perspectiva de Thompson (1992) pelo fato desta metodologia lançar a vida para dentro da própria história dos diversos sujeitos sociais, e isso faz abrir o seu campo de ação, além de ser ela mesma a natureza essencial do método. As fontes orais ainda constituem “[...] num instrumento útil na investigação da complexidade e da dinâmica social, por sua natureza peculiar, marcada por um processo de diálogo entre duas pessoas, por meio do qual se produzem versões únicas da realidade social [...]”. (KHOURY, 2001, p. 81).

Os nomes dos entrevistados foram preservados, em seu lugar usou-se pseudônimos.

A CHAPADA DOS NEGROS

Grande parte da história da Chapada dos Negros é feita por meio de narrativas orais, pois existem poucos registros escritos sobre sua história. A história do lugar é contada oralmente pelos moradores a partir de conhecimentos herdados dos mais velhos.

Os moradores de Arraias narram a história da Chapada dos Negros pelo fato de ouvirem os mais velhos contarem para eles. São saberes e conhecimentos transmitidos que vão sendo repassados e, assim, contribuindo para uma aprendizagem cheia de valores e culturas próprias, “[...] muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros”. (BOSI, 1994, p. 407).

Observamos o que o senhor Antônio, morador de Arraias, de 57 anos de idade, sempre prestativo, narra:

Na época dos bandeirantes né passando por aqui descobriram aqui a chapada aqui como uma grande potencialidade de minério que seria o ouro né. Eles chegaram a trabalhar aí por mais de cinco mil homens negros escravos e que tiravam aí eles carregavam chegaram a tirar uma média de quinze arrobas de ouro por noite, veja como sofria esses camaradas lá sem água sem nada lá em cima um sofrimento danado. [...] aqui onde chama a Contagem era pesagem de ouro, contagem, onde eles ficava... pegava o ouro é contagem, chamava contagem do ouro. [...] Tinha uma casa velha lá que usava pra... dizem os mais

velhos que era pra pesar o ouro, por isso o nome de Contagem. (Entrevista oral realizada com o Senhor Antônio, em 07 de outubro de 2016).

Observamos a narrativa do senhor Batista, 56 anos de idade, morador da cidade de Arraias, mestre de capoeira cujo codinome é Mestre Fumaça. Ele conta a história da Chapada dos Negros por ouvir alguém contar para ele.

eu antes não tinha..., não ouvia falar Chapada dos Negros. Depois um tempo pra cá a gente ouviu falar no nome, eu conhecia o local, [...] é um lugar onde quando eu fui ver era um local onde eu ia caçar jumento, ia caçar animal que o pessoal vinha do sertão e eles não tinha lugar de roça então piava os animal, os animal sumia e eu era o dinheiro que eu ganhava era atrás desses animais o que eu sabia fazer era caçar animal, era pegar lenha, então era os lugar de eu andar. [...] um dia eu tava passando por lá nesse local, aí, é... tinha um tronco e eu num entendia porque que tinha aquela fivela de ferro no meio dela né. E sempre passava naquilo ali procurando animal e não sabia, aí um senhor né falou pra mim assim, não, isso aí era o tronco, diz que era o tronco de escravo, né, há muito tempo atrás, eu era minino né, moleque piqueno, então eu lembro desse local, né, hoje fica ali em baixo naqueles pé de jatobá ali né, e falava e aí foi contar a história né da chapada dos negros o quê que era, que era os negros que vieram da África pra cá, ser usado na no garimpo né, e na... e na cana de açúcar e na pecuária em Arraias né, a Chapada dos Negros, então, esse, esse local era o local onde primeiro era Arraias anteriormente Arraias era lá [...]. E esses negros, eu ouvi dizer também, o finado Agenozim já falava que esses negros era oriundos do Quênia, Moçambique e de Guiné. (Entrevista oral realizada com o Senhor Batista, em 09 de setembro de 2016).

Nas narrativas do senhor Antônio e do senhor Batista, percebe-se a construção social da memória no que,

[...] haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações. [...] O efeito, nesse caso, seria o de esquecer tudo quanto não fosse “atualmente” significativo para o grupo de convívio da pessoa. É o que sucede às vezes: os fatos que não foram testemunhados “perdem-se”, “omitem”, porque não costumam ser objeto de conversa e de narração, a não ser excepcionalmente. Assim, quando o sujeito os evoca, não vem o reforço, o apoio contínuo dos outros: é como se ele estivesse sonhando ou imaginando; e não por acaso duvidamos, hesitamos, quando não nos confundimos, sempre que devemos falar de um fato que só foi presenciado por nós, ou que sabemos “por ouvir dizer”. (BOSI, 1994, p. 67).

Durante muitos anos, a Chapada dos Negros era um lugar “desconhecido” pelos moradores, antigamente muitos a frequentavam sem ter a noção de que aquele lugar foi o início da cidade, porém, com os tempos foi se ouvindo dos mais velhos sobre a história do lugar. Esse desconhecimento se dava pelo fato de que, antigamente, não se falava em Chapada dos Negros,

ou seja, não se falava da origem e da história da cidade para seus descendentes. Quando isso acontecia, era por incidência ou por um acaso.

Segundo o senhor Carlos, lavrador e morador rural de Arraias, de 72 anos de idade:

Aquelas pessoas mais velha que já faleceu falava pra mim o seguinte os escravos trabalhava nu, era o que eles falava pra mim e não tinha direito de pegar ouro, porque todo mundo trabalhava marcado, igual gado, se meu gado tem minha marca, o seu tem a marca sua... todo mundo marcado e era assim, esse que é o meu funcionário mas só destacava pela marca, mais todo mundo nu, sofrendo. [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Carlos, em 08 de setembro de 2016).

Observa-se que o senhor Carlos relata as condições em que os escravos eram submetidos a trabalharem nas minas pelos senhores, por meio dos conhecimentos dos mais velhos que foram repassados para ele, assim, como toda a história da Chapada dos Negros. Recorda o sofrimento dos negros escravizados que trabalhavam privados de roupa, sujeitos às atribuições do clima, do ambiente e do açoite, um corpo desprotegido em toda a sua totalidade. O narrador também comenta o fato de que “[...] todo mundo trabaiava marcado, igual gado [...]”, comparando o corpo humano ao de um gado, marcado por um sistema de poder, que foi inscrito forçadamente tanto para facilitar a identificação dos escravos por seus proprietários como para fazer com que o cativo nunca esquecesse a quem pertence.

Esse corpo desprotegido e sujeito às atrocidades do seu senhor “não tinha direito de pegar ouro”. Não é a impossibilidade de pegar, fato que acontecia nas espertezas cotidianas, mas o direito de alcançar legitimidade por meio do motivo que lhes sujeitava no dado contexto. Ter o direito de tocar o ouro, isto é, de promover caminhos para a liberdade, não é apenas uma impossibilidade do ambiente no contexto aurífero ou de ordem econômica.

Observamos agora a narrativa do guia da Chapada dos Negros cadastrado pela Prefeitura do município, o senhor Denis, funcionário público, e também filho do senhor Carlos. Ele narra o seu conhecimento sobre o local por meio dos ensinamentos passados pelo pai:

Nós temos uma chácara lá na frente, aí o gado nosso ficava solto, aí ele vinha comia aqui, nós ficava procurando eles aqui dentro aqui, aí meu pai ia me ensinando, meu pai ia falando... Mas a gente não passava por aqui não, meu pai passava e falava, vou mostrar isso pru cê. [...]. (Entrevista oral realizada com Denis, em 04 de setembro de 2016).

O narrador relata que o seu conhecimento sobre os locais na Chapada dos Negros se deu porque o local era onde o gado da família se alimentava. Na busca desse gado de volta para a Chácara, passavam sempre nas marcas do antigo garimpo, nisso, o seu pai mostrava os vestígios do lugar para ele.

De acordo com narrativas orais, as terras onde se encontra a Chapada dos Negros pertenciam à igreja Nossa Senhora dos Remédios no município, que, no entanto, foram vendidas pelo pároco da cidade pouco tempo atrás.

Atualmente, essas terras são de propriedade privada de um ex-deputado federal do Estado do Paraná (Região Sul do país). O local possui uma fazenda sede de nome Fazenda Guanabara com a existência de um administrador, que gentilmente contribuiu para a pesquisa.

Segundo narrativas orais, no tempo que predominava a mineração, o local onde está a Fazenda Guanabara do proprietário citado anteriormente, era onde residiam os senhores escravistas. Quem conta é o senhor Antônio: “Cá em baixo onde é a fazenda era os senhores que controlavam os escravos, era ali que eles moravam, trabalhavam lá em cima e morava cá em baixo”. (Entrevista oral realizada com o Senhor Antônio, em 07 de outubro de 2016).

Cordeiro (1989), em seu livro *Arraias: suas raízes e sua gente*, comenta que, na Chapada dos Negros: [...] Há, ainda lá, vestígios de um grande povoado: Arraial da Chapada dos Negros, onde Arraias começou: ruínas de igreja, regos de captação de água de muitos quilômetros de extensão, diversos escombros de habitações coletivas e familiares. (CORDEIRO, 1989, p. 14).

Conta-se que a Chapada dos Negros era uma região com grande capacidade aurífera e uma das que mais produziram o ouro na capitania do Norte de Goiás, naquele tempo contava entre 05 a 10 mil escravos na serra, essa estrutura deixa marcas não só na história do município, mas no espaço através das ruínas.

ALGUMAS RUÍNAS DA CHAPADA DOS NEGROS

Na Chapada dos Negros atualmente existem vestígios de fossos de escavações auríferas construídas pelos escravos, que seriam construções associadas à atividade de mineração, de exploração de ouro, de moradias, igrejas e cemitério remanescentes do período colonial. São

ruínas que formam um conjunto importante de lugares com marcas de ocupação humana. Hoje restam também as memórias repassadas pelas narrativas orais dos moradores. Esporadicamente o local recebe visitas turísticas, como o Buraco do Testa.

O Buraco do Testa (Figura 01), consiste no local onde era retirado todo o ouro ou qualquer minério encontrado na Chapada dos Negros. São dois buracos, um ao lado do outro. O local ainda abriga animais voadores como morcegos e bichos peçonhentos como cobras e também contém, ao redor, folhas caídas que são traiçoeiras e escorregadias. Os guias sugerem para que as pessoas tenham precauções e pouca proximidade no local, pois, o mesmo ainda não dispõe de proteção e preservação.

Conta-se que esse local recebe este nome porque, quando os escravos adentravam no buraco para a retirada do ouro e, ao sair, eles ralavam a testa. Como explica o senhor Batista,

[...] Lá é onde tirava o ouro né, é porque o buraco do ouro é porque alguém não sabia do...do o por que que era buraco do testa, mas o buraco do testa é o mesmo buraco do ouro, é porque quando o negro ele descia quando ele subia ele era largo e ele tinha que subi na corda né e ele batia a testa na...na parede ficava com a testa ralada aí por isso que levou esse nome buraco do testa. E muita gente num entende né. (Entrevista oral realizada com o Senhor Batista, em 09 de setembro de 2016).

A narrativa explica a origem do nome do local onde se retiravam o ouro, pois, muitos ralavam a testa ao sair do buraco. As pessoas usam as duas denominações, no entanto, o Buraco do Testa é o mesmo Buraco do Ouro.

O ex-garimpeiro senhor Estevão, narra a profundidade desses buracos, onde o mesmo conta que “[...] um dá 33 metro e o outro dá 28 metro, [...] eu medi eles todos dois [...] ele já tá cheio divia ter mais né, mais um tem 33 metro o outro tem 28 e de um no outro é 1 metro mais ó meno.” (Entrevista oral realizada com o Senhor Estevão, em 20 de julho de 2016). Segundo o senhor Fernando, de 58 anos: “[...] eu medi esse aqui deu 22 e aquele lá deu 21 [...]”. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando. em 06 de outubro de 2016).

Dessa forma, percebe-se que não se sabe ao certo a profundidade desses buracos, pois a ação do tempo e dos seres humanos fez com que esses buracos acumulassem muitos resíduos que implicam na incerteza de sua profundidade.

O senhor Fernando ainda relata que:

Ele vai desmoronando [...] é porque esses material ele tem essas fratura ali ó, aí quando chove a tendência é... vai abrir mais. Cê tá vendo uma fratura assim ó, aí a água vai...vai se infiltrando nele, ele tem no meio dos dois tem um...um... uma massa que divide, ele cai com facilidade. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

A narrativa explica que o fato de existir fraturas ao seu redor, faz com que esses buracos sempre aumentam para os lados com facilidade. O senhor Batista narra em seu imaginário, as circunstâncias e os perigos do trabalho a que os escravos eram submetidos no Buraco do Testa:

[...] era nêgo de um lado e nêgo do outro era dois buraco paralelo um ao outro enquanto tava um cavando de um lado o outro tava cavando do outro. E ali quem descia num tinha a certeza que voltava. Não tinha. E num podia ficar lá porque fedia né, e tinha que trabalhar, tinha que subi. (Entrevista oral realizada com o Senhor Batista, em 09 de setembro de 2016).

Percebe-se que a retirada do ouro era um trabalho muito exaustivo para os escravos. Esse tipo de garimpagem nas serras e chapadas exigia muito desses oprimidos. Conta-se que muitos não sobreviviam e não conseguiam retornar do buraco.

Figura 01: Buraco do testa



Fonte: Gualberto, 2016

O secador de ouro (Figura 02) está localizado próximo ao Buraco do Testa. Conta-se que esse local era utilizado para o procedimento de secagem do ouro, conhecido por secador de ouro pelos moradores.

Depois da lavagem do ouro, os escravos realizavam outro processo para secá-lo. Colocavam o ouro por cima dos couros, possivelmente de animais silvestres. Quem explica é o ex guia, o senhor Estevão: “Secador é donde eles colocava aqui os coros pra secar o ouro pertinho do buraco do testa é uns 30 metro”. (Entrevista oral realizada com o Senhor Estevão, em 20 de julho de 2016).

Figura 02: Secador de ouro

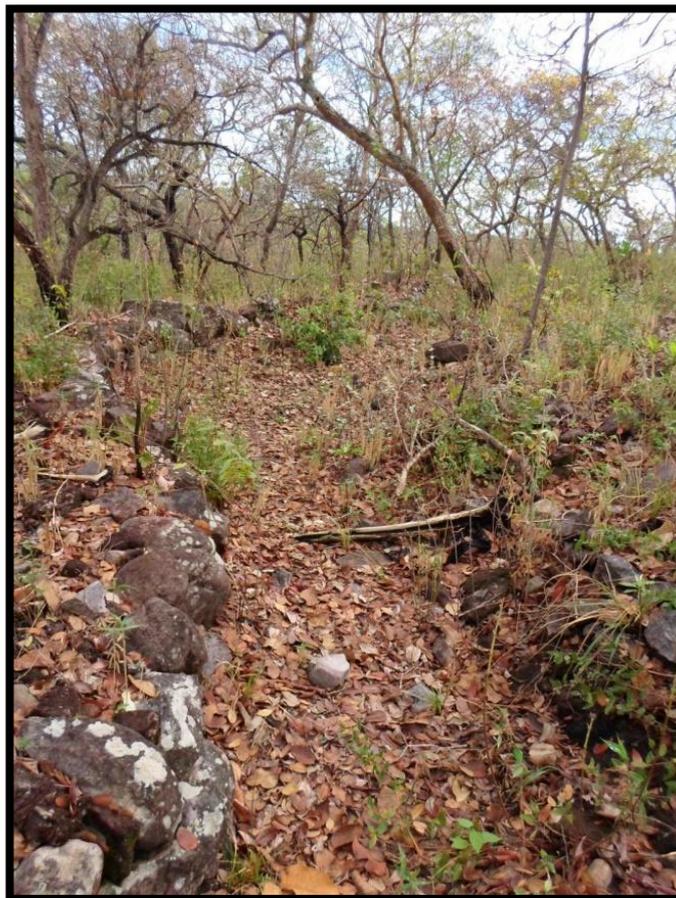


Fonte: Gualberto, 2016

Na Chapada dos Negros ainda existe os regos (Figura 03) que serviam de passagem da água. Foram feitos pelos escravos do antigo garimpo para a realização do procedimento de lavagem do ouro retirado. Os mesmos criavam esses regos para passagem da água trazida da chuva.

O senhor Fernando conta que:

[...] fizeram o rego e quando chegou lá no local num deu pra...pra água, tinha uma baixada e eles nivelaram, então tem um muro de aproximadamente 2 metros e meio a 3 metros de altura, eles fizeram o rego dentro fizeram uma calafetagem com uma argila que a água passou e foi pra eles lavar o cal lá na frente[...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

Figura 03: Regos para a passagem de água

Fonte: Gualberto, 2016.

Conta-se que o Muro de Pedra (Figura 04) foi feito pelos escravos na época do antigo garimpo. Segundo o senhor Fernando:

Isso aqui eles cercava o lugar de passar com a água e o material, e o material que ia lavar era o que já tava lavado eles vinham descascar esses que tava lavado e chegando com o outro ia ser lavado [...] tudo lavadim, isso aqui é material que eles lavou, tirou o ouro que tava aí e o rejeite eles foram amontoando e fazer as paredinha de pedra pra não ficar escorrendo pro lugar que eles passavam e que vinha água também né. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

Devido a água da nascente do Córrego Rico não subir até a serra, então os mesmos criavam os regos e muros de pedra para passagem da água trazida da chuva para o local de lavagem do material (Figura 05).

Figura 04: Muro de pedra para a passagem de água



Fonte: Gualberto, 2016.

Figura 05: Lavagem do ouro



Fonte: Gualberto, 2016

Para a captação dessa água que escorria entre os regos, conta-se que os escravos realizavam a escavação para a construção de uma represa (Figura 06). Assim, a água descia entre os regos passando por cima de muros construídos e seguia até no local onde realizava a lavagem do ouro, como explica o senhor Fernando:

A represa é essa aí, a água saía daqui. [...] toda água que chovia em toda aquela região lá, vinha parar aqui. Quando não alcançava pra sair tirava na vasilha despejava no rego e o rego ia alimentar aquelas escavações lá, agora isso aqui é o trabalho escravo. Isso daqui é grande vai lá na frente, tem outra parede, e depois tem outra represa dessa [...] chovia muito e era chuva daquelas mesmo forte caía muita água [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

Diante das narrativas do senhor Fernando, percebe-se que “[...] todos esses detalhes animam a narrativa, contribuindo para dar vida à cena”. (BÁ, 2010, p. 208). A memória registra a cena e a imaginamos juntamente com a criatividade e as estratégias dos escravos na construção de regos, muros de pedra e o procedimento de lavagem do ouro, visto que as águas do Córrego Rico não chegavam até a serra. Dessa forma, tiveram que criar os regos de captação para a passagem da água da chuva e alimentação da represa. Considerando que, naquele tempo, chovia muito na região, todo o trabalho de construção dos regos era compensatório.

Figura 06: Represa



Fonte: Gualberto, 2016.

O Pilão de Pedra (Figura 07 e Figura 08) fica em um lugar de acesso difícil e passa despercebido para a maioria das pessoas que transitam por ali, podendo sugerir que seja uma pedra qualquer sem significado no meio do caminho.

Conta-se que o pilão de pedra foi um instrumento usado para separar o ouro das pedras encontrado no garimpo. Esse procedimento era feito pelas mulheres escravas, como explica o senhor Fernando.

Isso aqui eles pegava o ouro que tinha pedra, vivia esfregando essa pedra em cima da outra pedra com ouro, que era pra soltar a pedra e ficar só o ouro, eles fazia dum tanto que ela chegava furar ó aqui ó. Aqui tem lugar que a pedra ainda tá nu... nu mermo lugarzim a...a...essa aqui por exemplo ó, nu mermo lugarzim, pois é, aí eles pegava o ...o ouro que tava pregado na pedra, eles moía, aí chama pilão de pedra. [...] Agora cê imagina quanto tempo foi aquelas mulheres escravas trabalhando e os homens chegava com as pedra tudo cheia de ouro pra socar até sair, deixar só o ouro! elas iam esfregando essas pedra na outra, chama pilão de pedra, [...] só vinha pra cá quando tinha o ouro só, as que num tinha eles num trazia não [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

O senhor Fernando, ao narrar “[...] Aqui tem lugar que a pedra ainda tá no mesmo lugarzinho essa aqui por exemplo, no mesmo lugarzinho [...]”, demonstra que “[...] a tradição oral evoca o passado [...], tornando-o significativo na contemporaneidade. [...]. É como se dissesse que ainda hoje ressoam os ecos da escravidão”. (LIMA, 2003, pp. 63-64).

Pilão de Pedra consistia numa prática feminina talvez por, aparentemente, ser um procedimento mais simples, porém, era uma tarefa longa e desgastante. Observa-se que as pedras que não tinham ouro grudado, não eram levadas para esse procedimento para que não houvesse a perda de tempo e serviço.

Figura 07: Pilão de Pedra



Fonte: Gualberto, 2016

Figura 08: Pilão de Pedra



Fonte: Gualberto, 2016

Conta-se que a Casa do Ouro (Figura 09), localizada na Chapada dos Negros, era o local onde era guardado todo o ouro e minérios encontrados no garimpo. Sobre a casa do ouro há muitas controvérsias. Alguns argumentam que esta casa não foi feita pelos escravos. Quem narra é o senhor Claudio:

Ela não é casa do ouro eu conheci o homem que construiu a casa, tinha dois filho, era um garimpeiro, o homem chama Gentil, eu sei, eu lembro do homem. E lá, aquele homem ele era chefe de uma firma de garimpeiro, mas ele era o chefe, do garimpo. Então era o seguinte, quando o ele o... ele colocou o pessoal pra trabalhava eu conheci lá até o carpinteiro que fazia os barracos pro pessoal que teve lá no acampamento, lá era um acampamento, sabe. Aí aquela casa ele tava fazendo como fosse uma residência dele. Ele levantou de pedra e colocou os estercos, eles falaram que as aquelas ali a massa era de cimento, num existia cimento na época, ela foi levantada com barro, barro amassado! e pedra. Eu conheci levantar. [...] O Zé Pernambuco era quem construiu essas casas lá, era o carpinteiro. Num só ele construiu não, mas ele era o carpinteiro chefe, que lá era um assentamento, tinha barraco pra todo canto num era só uma casa. [...] Tinha, tinha era um povoado com bastante gente, mais tudo comandado pelo o Gentil. Ele era o chefe. (Entrevista oral realizada com o Senhor Claudio, em 08 de setembro de 2016).

Percebe-se pela narrativa do senhor Claudio que, com o fim da escravidão negra, na Chapada dos Negros prevaleceu o funcionamento de um povoado e continuou-se as atividades de garimpo, provavelmente o surgimento de faiscadores.

Observando a casa do ouro, percebe-se que é a única das edificações no local que está mais íntegra, fato que condiz com alguns moradores que ela pode ter sido construída por carpinteiros muito tempo depois do período da escravidão e da mineração do ouro, pois, conta-se que, com o fim do trabalho escravo, muitos não tinham para onde ir e continuaram ali mesmo.

Observamos agora a narrativa do senhor Fernando sobre a casa do ouro:

Pra você ver que aqui não foi feito por bandeirante... é que uma madeira não tinha condição de resistir 500 anos aí ou mais, olha lá onde tem uma forquilha lá tá vendo. [...]. Ó lá aquela forquilha lá ó, nenhuma madeira seria capaz de resistir a ação do tempo de muitos anos né, se ela tiver coberta assim tampada tudo bem, mas exporta não aguenta não. [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

Percebe-se que o senhor Valdemir chama a atenção para um tronco, o que o mesmo descreve como “forquilha”, fixado entre uma das paredes da suposta casa do ouro, fato ocorrido

pela ação do tempo. O que o faz suspeitar que não fosse realmente feita pelos escravos liderados por bandeirantes no período da escravidão negra.

Figura 09: Casa do ouro



Fonte: Gualberto, 2016

A Senzala (Figura 10) possui o formato de um quadrado grande. Conta-se que este era o local da morada dos escravos e onde eles descansavam e praticavam a sua cultura. Observamos a narrativa do senhor Batista:

Eu acredito que ali é uma das senzalas! Acredito que tem mais com certeza. Agora por exemplo eles querem que a senzala, a parede dela esteja igualzinho as outras paredes, num tem jeito, num era cimento, era terra, caba mesmo uai, e ali caiu as origens, cadê o resto da parede? tá onde? os restos das pedra tá onde que tava lá que caiu tá onde? Tá debaixo do chão com certeza. Agora por exemplo, fala ahh mais cadê e a tampagem? A tampagem era de madeira ou palha queimava e acabava igual lá tá vendo lá. Eu conheci lá tudo no formato ali da casa do ouro ali o formato de madeira, tudo. (Entrevista oral realizada com o Senhor Batista, em 09 de setembro de 2016).

A narrativa mostra que, naquele tempo, pode ter ocorrido a existência de outras senzalas, pelo fato de serem muitos escravos. Relata ainda os questionamentos das pessoas em

relação à sua formação e organização que, com o passar dos tempos, se declinaram e muitas podem ter se perdido os vestígios.

Muitos argumentam que o local que dizem ser a senzala poderia ter sido um criatório de porco por ser semelhante a uma espécie de cocho, onde depositava alimentos para os porcos. O senhor Fernando narra que segundo os pesquisadores:

[...] num tem nada a ver com senzala. [...] eles tinham liberdade pra cumprir essas coisas, depois que eles ficaram sabendo que estavam libertos, aí eles se rebelaram segundo a história, aí criaram casos... brigaram... mataram [...] aí ficaram por aqui um tempo ainda e foram fazendo essas coisas. [...]. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

A narrativa do senhor Valdemir narra que no tempo da libertação, os escravos criaram formas de resistência, muitos não tinham para onde ir e permaneceram no local por algum tempo e foram criando as casas e os criatórios de animais que hoje ficaram os vestígios no local.

Figura 10: Senzala



Fonte: Gualberto, 2016

Outra ruína situada na Chapada dos Negros é o cemitério (Figura 11), localizado em um solo plano. Percebe-se que há a presença de poucos vestígios no local devido a ação do tempo.

Conta-se que os escravos eram enterrados muitas vezes em coletivo. Quem narra é o senhor Batista:

Tem muitos contos né, [...] que fala-se que, que os negros era enterrados coletivamente né, dificilmente era enterrado um negro sozinho né porque as mortes eram muitas né, maltrato e muitos não aguentava, no final do dia geralmente morria um, dois né. E ali enterrava, em coletivo. (Entrevista oral realizada com o Senhor Batista, em 09 de setembro de 2016).

Observa-se que, devido às várias mortes dos escravos durante o difícil e arriscado trabalho intenso, o túmulo era diferente, pois, enterravam de forma grupal. Muitas pessoas divergem que este local possa ser um cemitério. Quem narra é o senhor Fernando:

Agora, o cemitério aqui!?... Será que alguém fez uma escavação cuidadosamente no lugar desse aqui pra ver se tem uma ossada [...]? Num fizeram isso, né. [...] eu trouxe aqui um pessoal de uma empresa de arqueologia contratada pelo deputado, ele olhou isso aqui e falou não isso aqui num tem nada não. [...] Aí esse que eu trouxe aqui, de uma empresa de arqueologia lá em Brasília ele olhou e falou isso aqui num tem nada a ver com cemitério não. [...] é uma coisa muito vazia né. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

Figura 11: Cemitério



Fonte: Gualberto, 2016

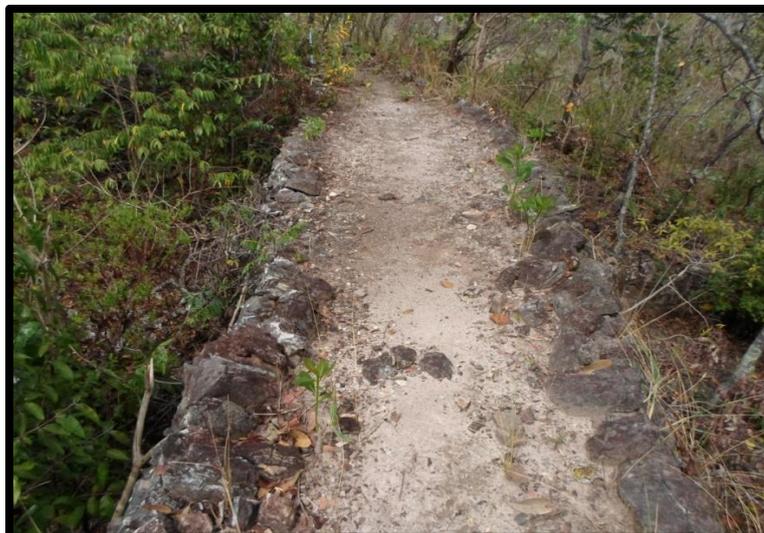
A Igreja Nossa Senhora do Rosário (Figura 12), se encontra em uma área grande com vários vestígios. Conta-se que esta era a Igreja onde os escravos rezavam e pediam por liberdade. Observa-se uma árvore que se desenvolveu entre uma das paredes.

Figura 12: Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Gualberto, 2016

Conta-se que a ponte de pedra (Figura13) foi o caminho usado de principal passagem do ouro ou de outros minérios encontrados na Chapada dos Negros. Observa-se que a ponte de pedra é comprida e as suas laterais são constituídas de pedras, ao redor da ponte se encontra vários fossos de escavações. Nota-se ainda que a sua estrutura possui uma formação perpendicular.

Figura 13: Ponte de pedra

Fonte: Gualberto, 2016

Na Chapada dos Negros ainda existem os amontoados de terras, que são fossos retirados das escavações auríferas e estão presentes em muitos locais no lugar. O senhor Fernando narra que:

Todo esse material que você tá vendo aqui ó, esse amontoado aqui saiu dali de dentro, isso aí saía na... nos carunbé que era uma vasilha de madeira que eles fazia e na pagióla, quê que é a pagióla, cê sabe o quê que é? Eles pegavam um côro de boi cortava ele pra ficar quadrado fazia uma bainha do lado e do outro do côro e colocava uma madeira ficava tipo uma maca dessa de carregar jogador. [...] Eles trabalhava com quatro homem dependendo do tamanho da pagióla, era um de cada lado, tipo carregando um caixão de defunto, do mesmo jeito, e era na carreira, né. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

A narrativa nos mostra os materiais e os procedimentos de como os escravos conseguiam realizar a retirada desses amontoados de terra para fora das escavações, tal procedimento era submetido de forma ágil pelos escravos. As escavações, além de servirem para a

retirada do ouro, elas eram também procedimento utilizado para aparar a água da chuva. Quem explica é o senhor Fernando:

[...] a água que produzia lá eles jogavam aqui, que fazia a corrente humana e fazia uma bomba com mais de dez polegada no balde de côro pegava côro de animal silvestre, e fazia os balde cheio de madeira aí enchia aqui e entregava pro outro, o outro entregava pro outro, e já tinha outra fila aqui entregando o balde vazio, então, o volume de água e terra era muito grande, e com facilidade porque, a mão de obra era...era de graça né. (Entrevista oral realizada com o Senhor Fernando, em 06 de outubro de 2016).

Diante das narrativas, percebe-se que, de um relato, “[...] o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra”. (BÁ, 2010, p. 68). A história da Chapada dos Negros contada pelos seus próprios moradores emprega oralidades, entendimentos e interpretações por intermédio da memória e dos ensinamentos passados de geração para geração. Isso faz com que o conhecimento de sua história se torne um exercício de auto (re) conhecimento. As lembranças do passado são indicadas por meio de um pertencimento, afetividade e de identidade cultural.

A memória dos moradores sobre o lugar se dispersa, pois, cada um se integrou de uma forma particular com aquele lugar. As “ruínas” representam o passado, e dessa forma ao narrar sobre a história, os moradores apresentam materialidade em seus significados em torno de suas interpretações.

Chegamos, simetricamente da ideia de um passado visível a de um passado invisível, de um passado coeso a um passado que vivemos como rompimento; de uma história que era procurada na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história. (NORA, 1993, p. 09).

As narrativas dos moradores mostram relatos que trazem o que Bá (2010) chama de uma herança cultural e respeito pela palavra, “[...] principalmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de seus ancestrais ou de pessoas idosas”. (BÁ, 2010, p. 173). As narrativas orais sobre a Chapada dos Negros são saberes transmitidos de geração em geração de forma respeitosa por seus descendentes.

As evidências existentes na Chapada dos Negros comungam com as narrativas, desta forma podemos caminhar em direção a algumas considerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostra que a Chapada dos Negros é um lugar de memória e construção da identidade cultural dos moradores de Arraias. Por meio das narrativas, percebe-se que a história do lugar está associada ao sofrimento e à escravidão dos negros. As percepções que os moradores adquirem por meio dos significados diante dos vestígios da memória, históricos e culturais presentes naquele espaço, são objetos adquiridos de experiências, valores e sentidos, importantes para a formação da identidade cultural dos arraianos.

Da mesma forma com a Chapada dos Negros, a memória social vai se desenvolvendo a partir da convivência com os outros e familiares. Ao narrar a história do lugar, os moradores recorreram aos vestígios da memória a partir do que guardaram e dos depoimentos que ouviram dos que conheceram.

A memória dos moradores sobre o lugar se dispersa, pois cada um se integrou de uma forma particular com aquele lugar. As “ruínas” representam o passado, e dessa forma ao narrar sobre a história, os moradores apresentam materialidade em seus significados em torno de suas interpretações.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Luciene Ricarte. *Escravidão negra no Tocantins colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)*. 2ª ed. Goiânia: Kelps, 2007.

BÁ, A. Hambaté. A tradição viva. In: UNESCO. *História Geral da África I: metodologia e pré história da África*. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. Brasília: 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORDEIRO, Rosolinda Batista de Abreu. *Arraias: suas raízes e sua gente*. Goiânia, 1989.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*, n. 22, São Paulo: EDUC, 2001. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731/7963>. Acesso em: nov. 2016.

LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, vol. 10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: dez 2016.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



Submissão: 18 de maio de 2019

Avaliações concluídas: 16 de dezembro de 2019

Aprovação: 16 de dezembro de 2019

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

GUALBERTO, Rosângila Domingos; RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio; COSTA, Kenia Gonçalves. A história da Chapada dos Negros na narrativa dos moradores de Arraias (Tocantins). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 20, n.1, p. 1-23, e-200102, jan./jun., 2020. Disponível em:< <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive> >. Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >